 <https://doi.org/10.56238/ciesaudesv1-111>

Rafael de Carvalho dos Santos

Mestre em desenvolvimento Local pela Universidade Augusto Motta. Especialista em Docência em enfermagem pela universidade Candido Mendes, Especialista em Urgência e emergência pela Uninter, especialista em terapia intensiva pela Uninter, especialista em Cardiologia e Hemodinâmica pela Unyleya.

E-mail: santoscbmerj@hotmail.com

ORCID: 0000-0002-4219-0151

Hélio Pereira Leite Junior

Graduando em Enfermagem pela Faculdade Bezerra de Araújo – FABA.

E-mail: junior-muriqui@hotmail.com

ORCID: 0009-0000-2728-9404

Keli Ferreira de Souza

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Bezerra de Araújo – FABA.

E-mail: keli_kml@hotmail.com

ORCID: 0009-0006-4469-9476

Michele Cristina De Albuquerque Coutinho

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Bezerra de Araújo – FABA

E-mail: coutinhomichele34@gmail.com

ORCID: 0009-0002-3053-8146

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a importância do enfermeiro na atuação da prática profissional relacionado ao paciente com diagnóstico de morte encefálica observando a manutenção dos cuidados e o consentimento dos familiares. Este estudo tem como objetivo proporcionar e conscientizar o leitor sobre o conhecimento do diagnóstico de morte encefálica junto com a importância da atribuição da equipe de enfermagem frente ao paciente em morte encefálica e frente aos cuidados com seus familiares no momento de perda, visando na importância da doação de órgãos.

Palavras-Chave: Enfermagem, Morte encefálica, Papel do enfermeiro.

1 INTRODUÇÃO

Morte encefálica (ME) é a definição legal de morte e é permanente, irreversível e sem qualquer possibilidade de cura. O encéfalo é formado por cérebro, cerebelo e tronco encefálico, respondendo pelas ações neurológicas do corpo. E quando o cérebro deixa de funcionar, automaticamente são interrompidas suas atividades conscientes, fluxos de consciência e até mesmo suas atividades básicas que se interligam com o funcionamento do corpo, pois o cérebro controla as funções vitais. Na morte cerebral todo e qualquer tipo de função deixa de existir.

Por se tratar de uma situação muito delicada, pois envolve uma vida, um ser humano e para que não haja erro no diagnóstico que no caso é um diagnóstico definitivo é de grande importância e necessário seguir protocolos que foram criados e são estabelecidos pelo Ministério da saúde. Segundo FIGUEIREDO et al 2020, “Este paciente, quando não há contraindicações, é considerado um potencial doador de órgãos e poderá se tornar um doador efetivo”.

Tendo início em 1964, o processo de transplante de órgãos no Brasil se deu por um transplante renal no Hospital dos Servidores no Rio de Janeiro, e vem tomando força no decorrer dos anos,

chegando a deixar o país como referência mundial em transplantes em 2018, com um total de 96 % de todos os procedimentos financiados pelo SUS. (MOREIRA et al 2022).

Mesmo o Brasil sendo o 2º maior transplantador do mundo, o crescimento ainda não é o bastante e a pandemia ainda contou negativamente, de acordo com dados do Ministério da Saúde, em 2019 foram realizados 23.360, porém de março a dezembro de 2020 foram realizados 13.042 transplantes em todo o país. Em 2020, a lista de espera por pacientes ativos que aguardavam por um transplante de órgãos ou tecidos foi de 43.643, sendo o número de doadores efetivos de 3.330. (FURTADO, et al.,2021).

Os procedimentos de transplantes podem ocorrer de três maneiras: autoplástico, heterólogo e heteroplástico. Sendo esse terceiro, de duas maneiras: intervivos ou quando há o diagnóstico de morte encefálica (MOREIRA et al 2022). O paciente politraumatizado ou acometido de acidente vascular encefálico pode agravar seu estado de saúde, evoluindo para morte encefálica, passando se tornar um possível doador de órgãos.

Caracteriza-se morte encefálica como uma condição em que o paciente perde todas as funções do cérebro, sendo completa e irreversível, mantendo em funcionamento a respiração e os batimentos cardíacos. (RIBEIRO, et al., 2020).

Muitos fatores dificultam esse processo de doação, podendo influenciar na sua não efetivação, como a falta de informação sobre o assunto, a falta de diálogo entre a família e a falta de preparo da equipe de enfermagem. (XAVIER, et al., 2021).

O enfermeiro atua em diversas frentes, fazendo parte da Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante (CIHDOTT), no qual participa da entrevista com a família do potencial doador, de maneira ética, moral e legal, atuando também na assistência de enfermagem, planejando um cuidado a um ser sem vida, com alterações hemodinâmicas consideráveis, visando a preservação dos órgãos viáveis para transplante (KNIHS N. S, 2020), sendo necessário obter um vasto conhecimento e interação da equipe multidisciplinar garantindo que o cuidado desenvolvido nesse processo possa se tornar efetivo, seguro e com qualidade para um futuro receptor.

Levando em consideração o atual cenário sobre o papel da equipe de enfermagem no cuidado ao paciente em morte cerebral, esse estudo tem por motivação conscientizar o leitor da importância da equipe de enfermagem no processo de cuidar e manter esse paciente apto a ser um potencial doador de órgãos com a manutenção de toda a homeostase corporal. Evidenciando a atribuição do enfermeiro cada vez mais importante no processo do cuidar, não se limitando do nascimento ao falecimento, pois muita coisa pode se fazer depois do diagnóstico de morte cerebral. O papel do enfermeiro torna-se ainda mais evidente e importante, pois esse paciente passa a ser um potencial doador de órgãos, no qual, outras vidas podem ser beneficiadas. Porém, de acordo com Furtado,

“[...] o período pandêmico obtivemos uma redução de 53,83% na realização dos transplantes. Por isso, se faz necessário voltarmos a falar sobre a importância deste procedimento e dos profissionais que atuam nele” (FURTADO et al, 2021).

O enfermeiro atua em diversas frentes nesse processo, sendo parte da Comissão Intra-hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT) a qual é composta por uma equipe multiprofissional que precisa estar alinhada e bem treinada no que diz respeito ao diagnóstico, captação e implantação desses órgãos. O enfermeiro tem a função de assistir a esse paciente diagnosticado com morte encefálica, fazendo o seu papel com excelência para manter esses órgãos vitais para que seja viável essa captação e, o terceiro papel, não menos importante de ser estudado é o de atuar frente a frente com os familiares desse paciente diagnosticado com morte encefálica, pois o momento que se aborda o tema captação de órgãos é o mesmo momento de luto dessa família.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo que se utiliza da revisão de literatura sistemática integrativa, diante da necessidade de assegurar uma prática embasada em segurança do profissional, baseadas em evidências científicas.

Segundo SOUSA et al (2017), a revisão integrativa vem sendo utilizada nos últimos anos no campo da saúde, permitindo dar visibilidade à contribuição da enfermagem para a melhoria da prestação de cuidados. Constituindo um abrangente corpo de conhecimento, de rigor metodológico, denomina-se integrativa porque fornece informações amplas sobre um assunto/problema.

Facilitando a incorporação de evidências, permite agilizar a transferência de novo conhecimento para a prática clínica, sintetizando os resultados de estudos de investigação relevantes e conhecidos mundialmente.

Foram seguidas as etapas do percurso deste tipo de pesquisa: elaboração da pergunta da revisão, busca e seleção dos estudos primários, extração de dados dos estudos, avaliação crítica dos estudos primários incluídos na revisão, síntese dos resultados da revisão e apresentação do método (MENDES, et al, 2019).

Após seguir essas etapas, a pergunta que norteia estudo foi dada por: “Qual o papel da enfermagem no processo de doação de órgãos junto ao potencial doador e à família enlutada?”

Para a confecção deste trabalho foram utilizados materiais encontrados nas bases de dados do Google Acadêmico, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e SCIELO através dos descritores: “família”, “enfermagem”, “doação de órgãos”, “sistematização da assistência”, “morte encefálica”.

Através da temática aplicada nas bases de dados, foram encontrados 60 artigos contendo tais descritores simultaneamente, dentre estes, excluiu-se 43 artigos, contendo artigos em duplicidades e artigos com contexto diversos, não atendendo aos objetivos do estudo em questão.

3 JUSTIFICATIVA

Levando em consideração o atual cenário sobre o papel da equipe de enfermagem no cuidado ao paciente em ME, esse estudo tem por motivação conscientizar o leitor da importância da equipe de enfermagem no processo de cuidar e manter esse paciente apto a ser um potencial doador de órgãos como: a temperatura corporal, suporte hemodinâmico, suporte ventilatório, suporte endócrino metabólico. Suporte hematológico e aspectos infecciosos.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 DEFINIÇÃO DE MORTE ENCEFÁLICA E O PAPEL DO ENFERMEIRO FRENTE A ESTE PACIENTE

A morte encefálica é caracterizada como uma condição em que o paciente perde todas as funções do cérebro, incluindo o tronco encefálico, sendo essa perda completa e irreversível, mantendo em funcionamento a respiração e os batimentos cardíacos (RIBEIRO et al., 2020).

As principais causas de morte encefálica são: o acidente vascular encefálico (AVE) e o trauma cranioencefálico (TCE), que são várias formas de traumas no crânio, incluindo queda e ferimentos por arma de fogo (SINDEAUX et al, 2021)

A identificação e a confirmação da morte encefálica na maioria dos hospitais são definidas no CTI e é feita por duas etapas, que deverá ser realizada com 6h de diferença entre uma e outra. Uma delas é o diagnóstico clínico e a outra é a realização de exames gráficos complementares (AREDES et al., 2018).

Esses exames servem para buscar qualquer ausência de estímulo do cérebro, como o coma, reflexos da tosse, e da respiração, como é feito com o teste de apneia. Portanto tanto nos aspectos éticos, científicos e morais um paciente com morte encefálica é um paciente morto. (SINDEAUX et al., 2021).

Em relação aos testes realizados para confirmação do diagnóstico de morte encefálica, conforme a RESOLUÇÃO Nº 2.173, DE 23 DE NOVEMBRO DE 2017 serão considerados obrigatórios 2 médicos capacitados, experientes e especializados no assunto com experiência de no mínimo 1 ano, além de ter acompanhado pelo menos 10 determinações de morte encefálica ou curso de capacitação e não podendo fazer parte de uma equipe de retirada e transplantes de órgãos, não

podendo também fazer parte da mesma equipe, e um dos exames deverá ser realizado por um médico neurologista, neurocirurgião, médico intensivista ou médico emergencista.

Falar de morte encefálica para a família ainda gera muitas dificuldades por falta de conhecimento e despreparo das equipes, pois a família entende que seu familiar ainda está “respirando” e com o “coração batendo” (RIBEIRO et al., 2020).

O enfermeiro tem um papel importante frente a esse grande desafio de ter que estar presente em todas as etapas desse processo de cuidar deste paciente, pois mesmo que o paciente esteja com o diagnóstico de morte encefálica pode ser considerado como um gerador de vida por meio da doação de órgãos. Sendo de grande importância o enfermeiro ter conhecimentos científicos e teóricos para desenvolver a otimização das etapas exigidas neste caso (MAGALHÃES APL, et al, 2018).

“Confere ao enfermeiro avaliar, planejar, executar, coordenar e supervisionar os procedimentos de enfermagem realizados ao paciente em morte encefálica e um possível doador de órgãos e tecidos, visto que, ele é responsável por sua equipe” (COFEN,2004).

O enfermeiro incorpora o conhecimento científico e atitudes em sua prática assistencial para oferecer um cuidado de qualidade no intuito de manter a estabilidade do paciente em morte encefálica. Os profissionais destacam a responsabilidade, dedicação, e esmero profissional em todas as atividades para conservar as condições hemodinâmicas favoráveis a um possível transplante. Realizando os cuidados ao paciente em morte encefálica com dignidade e respeito, buscando uma atitude profissional proporcionando um melhor cuidado (MAGALHÃES APL, et al, 2018).

A situação de morte encefálica é definida como um processo complexo que desencadeia complicações que podem ser prejudiciais para o potencial doador. Devido alterações endócrinas, metabólicas e hemodinâmicas podendo ocorrer a falência múltipla de órgãos o que pode impossibilitar as doações. Destarte, uma equipe de enfermagem capacitada para detectar prováveis complicações, o enfermeiro deve ter conhecimento científico e firmeza em sua prática assistencial para proporcionar um cuidado de qualidade, que mantenha a estabilidade do potencial doador de órgãos e tecidos (CAVALCANTI et al 2021).

Desse modo, entre as intervenções vitais como primordiais na conservação do paciente em morte encefálica destacam-se a: hidratação das córneas, monitoramento da temperatura, controle dos sinais vitais, realização das dosagens de eletrólitos e da gasometria, duas hemoculturas e uma urocultura no início do protocolo. Com devidos controles hemodinâmicos e fisiopatológicos é possível evitar complicações, como arritmias, disfunções cardíacas e coagulopatias (TOLFO, et al., 2018).

É imprescindível estabelecer uma manutenção eficiente, uma adequada preservação hemodinâmica e fisiológica do paciente em morte encefálica, assim é possível garantir a efetividade da doação para tal quadro. O enfermeiro nas práticas do cuidado ao paciente em morte encefálica vem

avançando, de modo, que se tem tornado indispensável no processo de analogia em equipe com a enfermagem (MAGALHÃES, et al, 2018).

4.2 A IMPORTÂNCIA DA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS FRENTE À MORTE ENCEFÁLICA

Mundialmente devido à má alimentação e ao mau estilo de vida levado pela população, vem se tornando maior o número de doenças crônicas, aumentando assim a necessidade de alguns transplantes de órgãos, fazendo com que a cada ano a fila de transplante aumente mais e mais (SOUZA et al., 2022).

Entender a importância da doação de órgãos começa quando se entende o conceito de morte encefálica, em que o indivíduo não voltará à vida, entendendo assim que a doação pode salvar vidas e até curar doenças (FERREIRA, et al., 2018).

Um paciente com morte encefálica é um paciente morto, não tem mais como voltar à vida, com isso um único doador pode salvar até 10 vidas. Tudo é regido por leis, respeitando o corpo e a decisão da família. A doação de órgãos é um ato de amor, compaixão e de solidariedade com o próximo e uma nova oportunidade de um novo recomeço (MEDEIROS et al., 2019).

Algumas pessoas encontram-se deprimidas por motivos de doenças e um transplante pode ajudar na melhoria de vida dessas pessoas, que poderão ter novas perspectivas de vida e uma nova oportunidade de se viver bem, e até sem dores, contribuindo assim com a vida do próximo. (SOUZA et al., 2022).

4.3 DEFINIR A IMPORTÂNCIA DO APOIO PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES DO PACIENTE

Após um fechamento de protocolo de Morte Encefálica o enfermeiro junto da equipe de enfermagem tem um papel significativo em condutas frente à família dos pacientes. Dessa forma, é efetivada a aproximação familiar com o intuito de uma provável doação de órgãos. E esse, é um momento de muita fragilidade, considerando o grande impacto emocional que pode causar a relutância da aceitação do diagnóstico fechado do seu ente querido. O conhecimento sobre ME por parte dos familiares ainda é muito escasso e por isso, se faz necessário oferecer assistência emocional além de ofertar informações sobre todo o processo. Assim, o enfermeiro assume o papel de educador com intuito de otimizar a melhoria na relação entre equipe, família e paciente (CAVALCANTI et al 2021).

Vale ressaltar que ainda causa perplexidade aos familiares entender, mesmo depois de toda orientação do diagnóstico de morte encefálica, que seu familiar pode apresentar batimentos cardíacos, pressão arterial, respiração e temperatura corporal, surgindo mais dúvidas e desconfiança sobre o diagnóstico. Em resumo os enfermeiros necessitam estar munidos de explicações de maneiras claras e fidedignas quanto todo o processo do fechamento do protocolo de morte encefálica e a manutenção do

corpo do paciente até uma possível doação de órgãos caso haja uma autorização por parte dos familiares (CAVALCANTI et al 2021).

Ressalta se que para os familiares vivenciarem o diagnóstico de morte encefálica de um ente querido é uma situação estressante e de grande sofrimento, seja pela falta de esclarecimentos necessários sobre o estado do paciente ou até por sentir dúvidas quanto ao diagnóstico de morte encefálica. Muitas das vezes a falta de informação faz com que a família tenha esperança na recuperação do quadro clínico, sendo um indicativo de que a pessoa possa estar viva com comprovações apresentadas, ressalta se a importância do esclarecimento à família sobre as dúvidas sobre o diagnóstico de morte encefálica (SANTOS et al.,2012).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

RIBEIRO et al., 2020 afirma que, “A morte encefálica é caracterizada como uma condição em que o paciente perde todas as funções do cérebro, incluindo o tronco encefálico, sendo essa perda completa e irreversível”, mas o tema morte encefálica é complexo e envolve questões éticas, legais e culturais. Embora a definição da morte encefálica seja amplamente aceita na comunidade médica, ainda há debate em torno da sua interpretação e aplicação.

Uma das principais questões em torno da morte encefálica é a definição precisa do critério de diagnóstico. Embora existam diretrizes e protocolos para o diagnóstico da morte encefálica, sua interpretação pode ser afetada por fatores como a experiência e a habilidade do examinador. Além disso, alguns questionam se a ausência de atividade elétrica cerebral é um critério suficiente para declarar a morte cerebral.

Utilizou-se como referência o período de 2012 a 2022, com as bases de dados do Google acadêmico, Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e SCIELO. Restando um total de 17 artigos para o desenvolvimento deste estudo, conforme quadro abaixo.

Quadro 01 - Quadro da busca realizada nas bases de dados, 2022.

ANO	TEMA	AUTOR	OBJETIVO
2020	Morte encefálica e o processo de doação de órgãos: uma atenção ao familiar	RIBEIRO, K.R.A. et al.	Discutir sobre a reação familiar frente ao processo de comunicação de morte encefálica e a possível doação de órgãos
2021	O papel do enfermeiro frente a casos de morte encefálica e doação de órgãos e tecidos	FURTADO, L. B. S. et al.	Descrever o desempenho do enfermeiro no processo de morte encefálica e na doação de órgãos e tecidos.
2018	A morte que salva vidas: complexidades do cuidado médico ao paciente com suspeita de morte encefálica	AREDES, J. S. et al.	Compreender como os médicos do maior pronto-atendimento de uma metrópole brasileira orientam o cuidado aos pacientes graves com suspeita

			de morte encefálica e potenciais doadores de órgãos
2022	Opiniões de estudantes de saúde sobre a doação de órgãos e tecidos para transplante	SOUZA, D. M. et al.	Analisar as opiniões de estudantes de cursos da saúde sobre a doação de órgãos e tecidos para transplante
2018	Doação de órgãos após a morte encefálica: a importância da enfermagem como disseminadora de informações à população	FERREIRA, M. C. P. et al.	Destacar o papel da enfermagem no processo de disseminação de informações sobre a morte encefálica e o processo de doação de órgãos e tecidos para transplantes
2019	Campanha de doação de órgãos: um relato de experiência	MEDEIROS, S. S. D. E. et al.	Relatar a experiência da Campanha de Doação de Órgãos como método inovador e transformador importante à conscientização da população e ao incentivo à doação de órgãos.
2020	Equipe de enfermagem na doação de órgãos: revisão integrativa de literatura	FIGUEIREDO, A. F., MARCONATO A. M. P., SAIDEL M. G. B..	identificar ações e atividades da equipe de enfermagem dirigidas à família do potencial doador de órgãos em morte encefálica, a partir de revisão integrativa da literatura.
2020	Obtenção de tecidos e órgãos: ações potencializadoras do enfermeiro à luz do pensamento ecossistêmico	TOLFO, F. et al.	analisar, à luz do pensamento ecossistêmico, as ações do enfermeiro que estimulam a potencialidade de aumentar as taxas de doação de órgãos e tecidos.
2020	Gerenciamento no cuidado do enfermeiro no processo de doação de órgãos e tecidos	KNIHS, N. S. et al	identificar as atividades desenvolvidas pelos enfermeiros no gerenciamento do cuidado no processo de doação de órgãos e tecidos.
2020	Política pública de transplante de órgãos no Brasil	MOREIRA, D.L. S. et al	Analisar as políticas públicas de transplante implantadas no Brasil, identificando as estratégias que versem sobre o aumento no índice de doadores e os fatores que impedem a doação no Brasil.
2018	Significados do cuidado de enfermagem ao paciente em morte encefálica potencial doador	MAGALHÃES, A. L. P.	Compreender os significados do cuidado ao paciente em morte encefálica potencial doador para enfermeiros, e construir um modelo teórico.
2019	Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa	Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM	apresentar o uso do gerenciador de referências bibliográficas EndNote (como ferramenta para auxiliar na construção de banco de dados e seleção de estudos primários na condução de revisão integrativa.
2021	Cuidados de enfermagem dispensados ao potencial doador de órgãos em morte	SINDEAUX, Ana Cássia Alcântara et al	Conhecer os cuidados de enfermagem dispensadas ao

	encefálica: uma revisão integrativa		potencial doador de órgãos em morte encefálica.
2021	Morte encefálica: conhecimentos e obstáculos de enfermeiros acerca do cuidar	CAVALCANTI et al	As precauções na manutenção do potencial doador diante de um quadro de morte encefálica precisam ser de conhecimento de todos os profissionais de saúde, principalmente da equipe de enfermagem, já que os enfermeiros assumem a responsabilidade de cuidados diretamente com esses pacientes
2012	Comunicação de más notícias: dilemas éticos frente a situação de morte encefálica	SANTOS, M. J. et al	A comunicação do diagnóstico de morte encefálica é uma tarefa difícil
2021	Comparação entre o número de transplantes de órgãos sólidos e tecidos realizados no Brasil durante o primeiro semestre de 2019 e 2020	XAVIER, J. M. R. P. et al	Comparar os dados de transplante no Brasil, a fim de analisar o impacto da pandemia da COVID-19 nos transplantes de órgãos e tecidos no país.
2017	A METODOLOGIA DE REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA EM ENFERMAGEM	SOUSA, L. M. et al.	o apresentar os conceitos gerais e as etapas para a elaboração de uma revisão integrativa da literatura, com base na mais recente evidência científica

A família precisa ser bem instruída nos processos seguidos com o paciente, para que assim tenham tempo para entender sobre o diagnóstico e para debater sobre a doação. No momento da perda, as famílias não conseguem entender sobre morte encefálica e contemplar sobre a ideia de doação de órgãos, por isso é muito importante que a família receba assistência antes e após o diagnóstico. Uma boa assistência e experiência pode estimular a família a aceitar o diagnóstico e talvez a possível doação dos órgãos, mostrando o objetivo de dar uma nova vida a uma outra pessoa, e dando a ela o conhecimento que o quadro de seu ente querido é irreversível.

Em confirmação com o que foi descrito no parágrafo acima, SANTOS (2012), “ressalta que para os familiares vivenciarem o diagnóstico de morte encefálica de um ente querido é uma situação estressante e de grande sofrimento, seja pela falta de esclarecimentos necessários sobre o estado do paciente ou até por sentir dúvidas quanto ao diagnóstico de morte encefálica”.

Entendendo o sofrimento da família a equipe de enfermagem deve interagir e respeitar a decisão familiar, sendo ela positiva ou não e atentar nos cuidados não apenas para a doação, mas também no cuidado e na assistência com toda a família, no seu momento de tristeza, de perda e de sofrimento.

Em confirmação com o que foi dito por CAVALCANTI et al 2021, que descreve que " Vale ressaltar que ainda causa perplexidade aos familiares entender, mesmo depois de toda orientação o diagnóstico de morte encefálica..." , MAGALHÃES 2018 diz que "Após um fechamento de protocolo

de Morte Encefálica o enfermeiro junto da equipe de enfermagem tem um papel significativo em condutas frente à família dos pacientes. Dessa forma, é efetivada a aproximação familiar com o intuito de uma provável doação de órgãos. E esse, é um momento de muita fragilidade, considerando o grande impacto emocional que pode causar a relutância da aceitação do diagnóstico fechado do seu ente querido."

Com o que diz acima podemos dizer que lidar com morte nunca é fácil, por isso a família necessita de um tempo para pensar e assimilar a morte e a doação. Porém muitas das vezes a uma recusa referente à doação, começando com a falta de assistência e de explicações na hora da entrevista, e por muitas das vezes o local em que essas entrevistas são feitas não são favoráveis e aconchegantes, o que acaba dificultando na hora da aceitação. Entre outras recusas familiares estão a não compreensão do diagnóstico e as crenças religiosas, o que dificultam ainda mais a aceitação da doação de órgãos.

A compreensão do diagnóstico, as respostas, explicações e condições claras e objetivas fornecidas pela equipe de enfermagem, ajudam os familiares a compreender a importância da doação, de ajudar o próximo, fazendo com que essa família se sinta orgulhosa, e até compensada por ajudar.

De acordo com MAGALHÃES (2018), "O enfermeiro tem um papel importante frente a esse grande desafio de ter que estar presente em todas as etapas desse processo de cuidar deste paciente...", pois o enfermeiro deve estar sempre se posicionando com os familiares a respeito do diagnóstico do paciente. Mesmo sendo do médico a responsabilidade de atestar a morte encefálica, é o enfermeiro que tem a maior importância, sendo na manutenção e nos cuidados com os órgãos e com a visibilidade para os outros pacientes que estão na lista de espera.

O enfermeiro tem todo o cuidado em orientar, informar e esclarecer quais os órgãos que poderão ser doados, como ocorre o processo de doação, e também explicar que a doação não tem custo nenhum, é tudo por conta do Sistema Único de Saúde (SUS), e mesmo assim a família pode aceitar ou não a doação. Por isso tais informações por parte do enfermeiro é tão importante, para que a família veja que o processo de doação é importante e que pode ajudar na melhoria de várias outras vidas, já que um doador pode doar até 6 órgãos.

O enfermeiro deve sempre manter a família o mais próximo possível da realidade do paciente oferecendo as informações do processo de apuração da morte encefálica, devendo ter muita sensibilidade e empatia com a dor dos familiares, obtendo um vínculo e oferecendo assistência emocional.

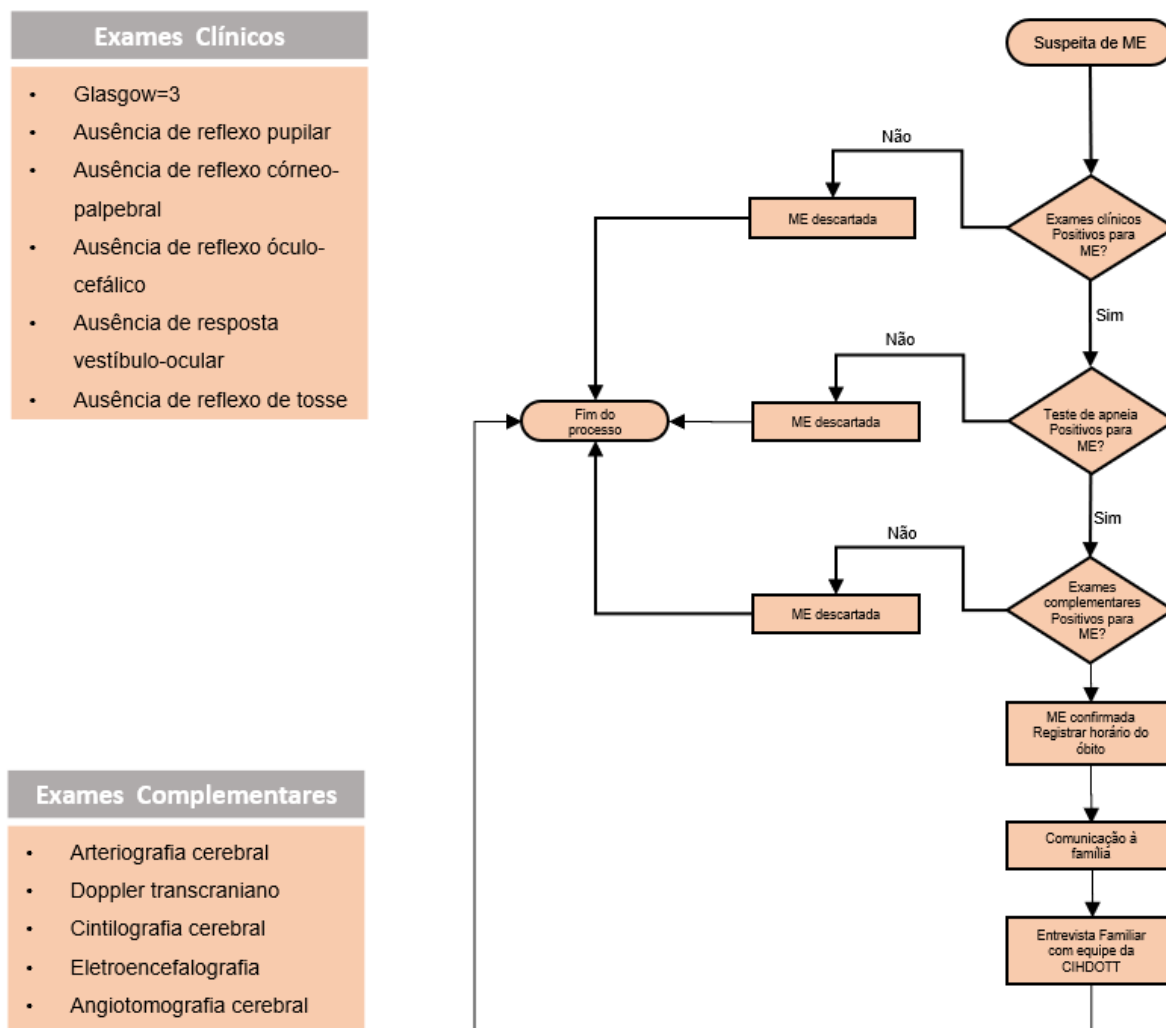
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo coloca em evidência a atribuição do enfermeiro cada vez mais importante no processo do cuidar, não se limitando do nascimento ao falecimento, pois muita coisa pode se fazer depois do diagnóstico de morte encefálica.

O papel do enfermeiro torna-se ainda mais evidente e importante, pois esse paciente passa a ser um potencial doador de órgãos, no qual, outras vidas podem ser beneficiadas. Portanto, o tema Morte encefálica ainda deixa muitas lacunas em aberto no que diz respeito ao âmbito social, familiar e até mesmo dentre os profissionais de saúde, necessitando cada vez mais de estudos e publicações sobre o tema, já que O diagnóstico de morte encefálica não é nem nunca será algo fácil de se compreender ou aceitar, e o enfermeiro vem se destacando cada vez mais nesse contexto, contribuindo de forma efetiva para que um potencial doador se torne um doador efetivo e, para isso, precisa de um conhecimento científico e técnico para uma atuação humanística em um momento de grande dor para os familiares enlutados.

6.1 ANEXO

Figura 1 - Fluxograma do protocolo nacional de morte encefálica



REFERÊNCIAS

Figueiredo, a. F., marconato a. M. P., saidel m. G. B.. Equipe de enfermagem na doação de órgãos: revisão integrativa de literatura. *Revista bioética*. 2020; 28 (1): 76-82. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/dbntzhbjknnwwksln7gtzp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Ferreira, maísa cristina pôssa et al. Doação de órgãos após a morte encefálica: a importância da enfermagem como disseminadora de informações à população. *Revista eletrônica acervo saúde/electronic journal collection health issn*, v. 2178, p. 2091, 2018.

Knihs n. S, et al. Gerenciamento do cuidado do enfermeiro no processo de doação de órgãos e tecidos. *Texto contexto enfermagem*. 2020. 29:e20180445. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2018-0445>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Magalhães a.l.p., et al. Significados do cuidado de enfermagem ao paciente em morte encefálica potencial doador. *Rev gaúcha enferm*. 2018;39:e2017-0274. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.2017-0274>. Acesso em: 10 ago. 2022.

Medeiros, s. S. D. E.; fortuna, f. De b.; barbosa, g. A. Et al. Campanha de doação de órgãos: um relato de experiência. *Brazilian journal of transplantation*, [s. L.], v. 22, n. 4, p. 11–15, 2019. Disponível em: <https://bjt.emnuvens.com.br/revista/article/view/54> acesso em: 29 de janeiro de 2022.

Moreira d. L. De s., et al. Política pública de transplante de órgãos no brasil. *Revista eletrônica acervo saúde*, 12(12), e5062. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e5062.2020>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Sousa, l. M. Et al. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. *Revista investigação em enfermagem - novembro 2017*: 17-26. Disponível em: <https://http://www.sinaisvitais.pt/images/stories/rie/rie21.pdf#page=17>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Ribeiro kra, prado ls, santos fr, gonçalves faf, borges mm, abreu ep. Morte encefálica e o processo de doação de órgãos: uma atenção ao familiar. *Cuidado é fundamental*, rio de janeiro, v.12:190-196. P.190-196, jan/dez 2020.

Dos santos furtado, loyane barbosa et al. O papel do enfermeiro frente a casos de morte encefálica e doação de órgãos e tecidos. *Research, society and development*, v. 10, n. 2, p. E0110212422, 2021.

Souza dm, souza vc, matsui wn, pimentel rrs, santos mj. Opiniões de estudantes de saúde sobre a doação de órgãos e tecidos para transplante. *Rev bras enferm*. 2022;75(3):e20210001. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0001>.

Mendes kds, silveira rccp, galvão cm. Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. *Texto contexto enferm* . 2019; 28:e20170204. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2017-0204>. Acesso em 10 ago. 2022.

Sindeaux, ana cássia alcântara et al. Cuidados de enfermagem dispensados ao potencial doador de órgãos em morte encefálica: uma revisão integrativa. *Nursing (são paulo)*, v. 24, n. 272, p. 5128-5147, 2021.

Aredes, janaína de souza; firmo, josélia oliveira araújo; giacomini, karla cristina. A morte que salva vidas: complexidades do cuidado médico ao paciente com suspeita de morte encefálica. *Cadernos de saúde pública*, v. 34, p. E00061718, 2018.

Cavalcanti, natália borba; nascimento, josé william araújo do; silva, ana carla macedo da. Morte encefálica: conhecimentos e obstáculos de enfermeiros acerca do cuidar. *Brazilian journal of health review*, curitiba, v.4, n.1.pp.2586-2599 jan./fev. 2021.

Tolfo f. Et al. Obtenção de tecidos e órgãos: ações potencializadoras do enfermeiro à luz do pensamento ecossistêmico. *Rev bras enferm.* 2021;74(2): e20200983. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0983>. Acesso em: 10 ago. 2022.

Santos, marcelo josé dos; moraes, edvaldo leal de; massarolo, maria cristina komatsu braga. Comunicação de más notícias: dilemas éticos à situação de morte encefálica. *O mundo da saúde, são paulo-2012*; 36(1): 34-40

Xavier, joão marcos ribeiros paiva et al. Comparação entre o número de transplantes de órgãos sólidos e tecidos realizados no brasil durante o primeiro semestre de 2019 e 2020. *Brazilian journal of health review*, v. 4, n. 2, p. 6214-6223, 2021.